

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CURSO DE HISTÓRIA**

MATHEUS PANDOLFI MARTINS

**PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU CASA DE PEDRA EM
FARROUPILHA/RS**

**CAXIAS DO SUL
2020**

MATHEUS PANDOLFI MARTINS

**PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU CASA DE PEDRA EM
FARROUPILHA/RS**

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção da graduação em Licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul, na Área do Conhecimento de Humanidades.

Orientador: M.e Anthony Beux Tessari

Caxias do Sul

2020

MATHEUS PANDOLFI MARTINS

**PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU CASA DE PEDRA EM
FARROUPILHA/RS**

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção da graduação em Licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul, na Área do Conhecimento de Humanidades.

Aprovado em 17/12/2020

Banca Examinadora

Prof. M.e Anthony Beux Tessari

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. D.r. Katani Maria Monteiro Ruffato

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico esta monografia a minha avó,
que infelizmente não pode ver ele
completo, mas sempre me apoiou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Neuza e Hermes que não mediram esforços para me ajudar nessa etapa da minha vida.

Aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo que recebi.

Agradeço ao Professor Anthony Beux Tessari pela orientação deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa procura entender como a memória italiana da cidade foi construída e sobreviveu durante os anos. A pesquisa começa investigando os motivos da imigração, buscando assim as raízes da cidade de Farroupilha, e como a memória desse processo foi preservada. O Museu Casa de Pedra foi escolhido como objeto de pesquisa, pois ele tem a sua história ligada com os primeiros imigrantes a chegarem na região, sendo uma fonte fundamental para estudar a construção da memória desse grupo e seus descendentes. Como principal objetivo, é proposta uma ação de Educação Patrimonial, com o intuito de construir um laço de pertencimento do Museu e criar uma consciência crítica perante a valorização e preservação do patrimônio cultural.

Palavras-chave: Museu Casa de Pedra; Memória; Imigração; Educação Patrimonial.

LISTA DE SIGLAS

IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ENART	Encontro de Artes e Tradição Gaúcha

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Museu Municipal Casa de Pedra	19
Figura 2 - Família Fin	22
Figura 3 - Reportagem Pioneiro	25
Figura 4 - Reportagem Zero Hora	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Memória	10
1.2 Patrimônio Cultural	11
1.3 Apontamentos sobre a história dos museus	12
2. PROCESSO IMIGRATÓRIO NA SERRA GAÚCHA	15
2.1 Contexto do processo imigratório	15
2.2 Surgimento de Farroupilha	16
2.3 Museu Casa de Pedra	17
3. PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU CASA DE PEDRA	21
3.1 Educação Patrimonial	21
3.2 Museu Hoje	23
3.3 Proposta	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5. REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

No ano de 1875 se formou uma das primeiras colônias na serra gaúcha de imigrantes italianos, vindos principalmente do norte da Itália, da região de Milão, terra que eles chamaram de Nova Milano. Com o passar do tempo novos moradores chegaram, o vilarejo cresceu e 145 anos depois, a agora cidade Farroupilha, ainda mantém elos com o seu passado, um deles sendo o Museu Casa de Pedra. Ponto turístico e cultural da cidade, a edificação que hoje abriga o museu teve sua construção iniciada em 1890, com o intuito de servir como moradia para Domênico Fin e sua esposa, Luigia Fin, tendo sua construção concluída em 1896. Depois que os descendentes da família Fin se mudaram para Porto Alegre, a casa passou alguns anos sendo alugada até que no início da década de 80 a prefeitura comprou o prédio, que em 1985 foi tombado pelo IPHAE, pela sua importância arquitetônica e histórica, e em 1988 a Casa de Pedra começou a operar como museu.

Esta pesquisa é motivada pela falta de informações sobre o museu e pela falta de engajamento da comunidade com o museu. Esse projeto objetiva apresentar uma proposta de Educação Patrimonial que consiga aproximar as pessoas do museu, e que elas consigam reconhecer o seu valor cultural.

Segundo Gonçalves (2005), cada instituição da sociedade constrói o seu patrimônio, pretendendo articular na sociedade sua identidade e preservar a sua memória. A memória da imigração e colonização italiana na cidade de Farroupilha é muito presente. Essas memórias, hoje representadas pelo Museu Casa de Pedra, criam uma espécie de “túnel” entre o passado e o presente, conectando as famílias de hoje com os seus descendentes. A memória está ligada ao conceito de identidade; sendo assim, o Museu Casa de Pedra não preserva apenas a memória de uma família italiana, ele carrega a identidade de uma região. Parte do acervo do museu é composto por doações feitas por outras famílias italianas, assim delegando ao museu a responsabilidade de cuidar da memória de várias famílias, aproximando a comunidade de seu acervo, transformando o Museu Casa de Pedra em uma construção de todos, para todos.

A pesquisa tem como objetivo construir uma proposta educativa, e, para isso, inicia-se com uma reflexão sobre a construção da memória da cidade. A pesquisa

contextualiza a imigração italiana, buscando assim as raízes da cidade de Farroupilha, e avança em seguida pensando em como preservá-las de uma maneira mais democrática e que leve em conta a diversidade. O Museu Casa de Pedra foi escolhido como objeto de pesquisa pois ele tem a sua história ligada com os primeiros imigrantes a chegarem na região, sendo uma fonte fundamental para estudar o processo de formação étnica local. Ao final, será desenvolvida uma proposta de ação educativa de Educação Patrimonial que tentará identificar a memória que a comunidade deseja preservar, e próxima-lá com o museu.

A falta de documentação sobre o Museu Casa de Pedra, e o contexto da pandemia do novo coronavírus, que não permite consultas presenciais, faz com que a pesquisa tenha alguns desafios. Durante a pesquisa, serão utilizados principalmente periódicos da região, que estiveram mais acessíveis, e a utilização da de material escrito disponibilizado pela equipe que trabalha com o Museu. Além disso, o Museu Casa de Pedra é a personificação da identidade da cidade e ele é a melhor fonte sobre si próprio. Tendo isso em mente, será analisado o acervo que conta não apenas com pertences que eram da família que construiu a casa em 1896, mas, também, é composto por doações da comunidade. Com isso, o museu se preocupou em preservar a memória da região, seu estilo de vida, e construir sua identidade.

Serão utilizados dois artigos de periódicos/jornais. O primeiro, escrito por Bruna Valtrick, e publicado no dia 02 de fevereiro de 2018 pelo jornal Pioneiro, foi produzido com o auxílio do historiador e coordenador dos museus em Farroupilha Vinícius Pigozzi. Conta com seis imagens ao total, sendo três delas sobre o Museu Casa de Pedra. A matéria apresenta dois museus municipais em Farroupilha, Museu Municipal Casa de Pedra e Museu Municipal Casal Moschetti, mas a pesquisa aqui será focada apenas no Museu Casa de Pedra.

O segundo artigo foi escrito por Flávia Noal, publicado no dia 15 de junho de 2016 pelo jornal Zero Hora, possui apenas uma imagem do museu no artigo, divulga sobre a construção de um prédio anexo de dois andares, destinando um andar para exposição e outro para a ministração de cursos de italiano.

Com essas duas matérias, as entrevistas, e a análise do museu, é possível analisar a imagem que é transmitida para a comunidade.

Passa-se a teorizar sobre o conceito de memória, fundamental para a reflexão sobre o papel desempenhado pelas instituições que são os museus: afinal, “lugares de memória”.

1.1 Memória

A memória permite que o sujeito dê sentido a sua presença no mundo. Ela está intrinsecamente ligada com a ideia de identidade, e está em um processo seletivo permanente de construção e reconstrução do passado. A memória é elaborada no presente para responder à solicitação do presente, Meneses (1992) pontuando que cada presente constrói o seu presente, “é ela que o torna vivo ou morto perante o grupo social, pois se esquecer ou ocultar é um indivíduo que vegeta” (apud TEDESCO; AMADOR 2006 p. 2).

A memória pode ser individual, se referindo às próprias experiências de vida, ou ela também pode ser coletiva, sendo formada por uma pluralidade de memórias individuais. Oliveira (2005) sugere que existe uma multiplicidade de memórias que implica na existência de várias cidades, simultaneamente, dentro de uma só. Nesse sentido, Halbwachs (1990) salienta:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (p.25).

Nesse contexto, a memória pode ser entendida como um fenômeno social, ela não é só uma construção individual, mas também coletiva, sujeitas a mudanças. Pollak (1992) aponta a memória como um fenômeno construído social ou individual, montando uma ligação com o sentimento de identidade

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência - isto é - de identidade. (apud POLLAK; PINSKY, 2011, p. 167).

Possamai (1997) adverte para o uso de “memórias da cidade”, pois está atrelada à identidade de grupos não hegemônicos. Sendo assim o Museu Casa de Pedra não preserva apenas a memória de uma família italiana, ele carrega a identidade de uma região. Parte do acervo do museu é composto por doações feitas por outras famílias italianas, assim delegando ao museu a responsabilidade de cuidar da memória de várias famílias, conectando o passado e o presente, aproximando a comunidade de seu acervo, transformando mais ainda o Museu Casa de Pedra em uma construção de todos, para todos.

1.2 Patrimônio Cultural

Patrimônio Cultural consiste em bens de interesse cultural, reconhecidos por sua importância histórica e relevância cultural de uma região, adquirindo valores de interesse coletivo, geralmente preservados pelo Estado, conforme Fonseca (2005, p. 38): “É o valor cultural atribuído ao bem que justifica seu reconhecimento como patrimônio e, conseqüentemente, sua proteção pelo Estado.” A autora ainda explica que o poder público tem essa responsabilidade para proteger os valores culturais que estão nos bens materiais, garantido que esses valores permaneçam.

O valor cultural do patrimônio aumenta a sua extensão, tornando seu significado cultural mais diversificado, e ampliando os bens que podem ser preservados, ligando-os ao sentido de identidade. Conforme Julião (2006, p. 30):

“O patrimônio cultural torna-se um domínio indefinido, fluido e incerto, que se refere não mais ao legado do passado e da nação, mas a um bem capaz de restituir a identidade de determinados grupos, originando um mosaico de memórias sociais segmentadas.”

O patrimônio cultural carrega as lembranças da memória, seja ela pública/coletiva ou particular. Canclini (1994) lembra que o patrimônio não inclui apenas expressões “mortas” de sua cultura, como arquitetura colonial, antigos objetos em desuso, mas também bens culturais visíveis e invisíveis. O autor ainda

lembra que, em oposição à seletividade de bens culturais ligados ao poder hegemônico, o patrimônio de uma nação também deve ser composto das expressões da cultura popular, bens materiais e simbólicos desenvolvidos por todos os grupos sociais;

“a reformulação do patrimônio em termos de capital cultural tem a vantagem de não representá-lo como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixos, mas sim como um processo social que, como o capital, se acumula, se renova, produz rendimentos de que os diversos setores se apropriam de forma desigual” (CANCLINI 1994 p. 97)

Oliveira (2005 p.8) explica que: “a gênese da idéia de patrimônio está intimamente relacionada à tentativa de construção de uma memória e uma identidade na afirmação dos estados nacionais” o mesmo autor acrescenta “os patrimônios culturais têm um papel mediador entre as diferentes temporalidades, garantindo a continuidade da nação no tempo.”

Vemos, assim, que o *patrimônio* está diretamente ligado à preservação da memória e da identidade. Trazendo essa ideia para a região, o Museu Casa de Pedra guarda a memória e representa a identidade dos imigrantes italianos que chegaram em Farroupilha e seus descendentes. Como reflete Gonçalves (2015): “defender, preservar e lutar pelo reconhecimento público do patrimônio pela própria existência e permanência social e cultural do grupo.”

Castro (2005) ressalta que o Patrimônio Cultural de um povo não é apenas um conjunto de antiguidades, ele é responsável pela continuidade histórica que se reconhece como tal e corporifica seus ideais e valores que ultrapassam gerações. O Museu Casa de Pedra, preserva as memórias das gerações anteriores, nos ajudando a entender o contexto sociocultural em que a cidade está inserida

1.3 Apontamentos sobre a história dos museus

O termo *museu* tem origem na Grécia Antiga, vindo da palavra *Mouseion*, que significa *templo das musas*. Esses templos tinham a finalidade de juntar conhecimento sobre a ciência e a arte.

Durante a Idade Média, o colecionismo se tornou popular na Europa. Com as grandes navegações e o Renascentismo, as coleções se tornaram ainda maiores, pois agora contavam com itens dos mais diversos tipos e origens. Essas coleções não eram abertas ao público; além dos proprietários, poucas pessoas tinham o prazer de conhecer essas coleções.

O Museu do Louvre foi o primeiro museu público, sendo criado em 1793, tendo coleções acessíveis a todos, com propósito recreativo e cultural. O Museu acabou servindo de base para os próximos museus que surgiram na Europa, “concebidos dentro do ‘espírito nacional’, esses museus nasciam imbuídos de uma ambição pedagógica — formar o cidadão, através do conhecimento do passado” (JULIÃO 2006, p. 21). Os museus acabam incorporando a função de legitimar os Estados nacionais:

Durante a Revolução Francesa, na passagem do Antigo Regime para o modelo do estado democrático, a França tratava de definir-se como nação. A busca por símbolos comuns e por uma memória coletiva era fundamental para assegurar a nova unidade política e para garantir a sua identidade nacional. (TESSARI, 2020, p. 2).

No Brasil, no século XIX, os primeiros museus foram concebidos, sendo o Museu Real, em 1818, atual Museu Nacional, o primeiro de todo, com características que tiveram repercussão: “Os museus enciclopédicos, voltados para diversos aspectos do saber e do país, predominaram até as décadas de vinte e trinta do século XX” (JULIÃO 2006, p. 22).

Com o Estado Novo de Getúlio Vargas, surge uma necessidade de construir uma nova identidade cultural e nacional, e, nesse contexto, o Sphan (hoje, Iphan) é criado, com o intuito institucionalizar uma política para o patrimônio cultural no Brasil, e ligada ao sentido de nação.

Nas últimas décadas do século XX, há uma ampliação da noção de patrimônio, contexto em que novos movimentos sociais e novas identidades se estruturaram, passando a ser reconhecidas pelo atual texto constitucional, promulgado pós-ditadura militar. Nesse contexto, alguns museus brasileiros passaram por um processo de renovação. Uma identidade nacional à maneira do Estado Novo não encaixava-se mais. Novos grupos sociais precisavam ser valorados, assim como os seus patrimônios. Os museus começaram a ocupar esse

espaço, e mantém isso como um desafio atualmente. Novos parâmetros de conservação foram implantados, assim como processos educativos para uma melhor relação entre comunidade e museu, proporcionando uma construção de uma relação cultural entre as duas partes.

2. PROCESSO IMIGRATÓRIO NA SERRA GAÚCHA

Este capítulo tem por objetivo: contextualizar o processo de imigração italiana no Brasil, focando na Serra Gaúcha, o surgimento de Farroupilha, o contexto da origem do Museu Casa de Pedra, e narrar historicamente aspectos da trajetória de Domênico Fin, primeiro proprietário da casa.

As principais referências utilizadas neste capítulo são: Hobsbawm, para entender o contexto imigratório, e Thales de Azevedo, Amador, e escritoras locais como Belusso e Zanini, sobre o ambiente histórico regional.

2.1 Contexto do processo imigratório

Em 1875 imigrantes europeus partem para o Rio Grande do Sul. Com o grande desenvolvimento tecnológico proveniente da Revolução Industrial, o sistema feudal de terras, que ainda estava em vigor na Itália, tem seu fim, e a sociedade agora passa a se industrializar e a entrar nos moldes capitalistas. Segundo Hobsbawm (1982 p.203), “a desarticulação do artesanato doméstico, em razão do crescimento da indústria, a privatização de terras comunais e a quebra de antigos vínculos de subordinação modificaram por inteiro a vida no campo”. Assim um quadro de extrema pobreza começa a ser pintado na Itália, e a emigração tem origem nessa desarticulação social, principalmente nas regiões do Vêneto e da Lombardia. Como Thales de Azevedo (1975 .47) explica: “o extremo fracionamento da terra, os salários baixos e os elevados tributos eram também um fator de pobreza. O cultivo dos minúsculos lotes em todo o Norte não bastava para sustentar as famílias, em sua maioria numerosas”.

Com a expansão do capitalismo industrial na Europa, é possível perceber profundas mudanças sociais, resultando em um êxodo europeu que, pelo número de pessoas que movimentou, foi um dos maiores ocorridos na história (conforme

Amador, 2007 p. 3). Houve uma grande mudança na base social, uma escassez de terras provinda da desarticulação da ordem tradicional camponesa que mantinha um equilíbrio entre a produção agrícola e artesanal. Paulo Pinheiro Machado (1999, p. 45) afirma que esse desequilíbrio que reinava no norte da Itália ampliou a pobreza das famílias camponesas, que vão emigrar para o Brasil como saída dessa situação.

É a partir de 1875 que a emigração italiana ocorre para o Rio Grande do Sul, devido ao aumento das grandes propriedades e o confisco de terras tornavam as escassas na Itália, a crescente população camponesa impossibilitada de se desenvolver, encontra no Brasil um refúgio, um recomeço. Ainda existia um incentivo do governo brasileiro de trazer esses imigrantes, pois os negros eram vistos como inferior, e com um maior número de europeus, teria um branqueamento da população, além disso o fim da escravidão já estava se desenhando e seria necessário uma substituição na mão de obra, pois era mais caro manter o escravo, do que o imigrantes com os baixos salários que receberiam.

A viagem dos imigrantes começava com um adeus a sua terra natal. A travessia do Oceano era feita em embarcações inapropriadas e com pouco espaço. O primeiro destino desses imigrantes foi São Paulo, onde a maior parcela foi trabalhar nas fazendas de café. Os imigrantes que chegaram no Rio Grande do Sul, eram em menor número, como explica Zanini (2006 p.2): “Muitos dos emigrados italianos naquele período foram direcionados para o sul do país a fim de guardar fronteiras e dinamizar as economias locais de alguma forma”. Os primeiros imigrantes a chegarem foram Stefano Crippa, Tomazo Radaelli e Luigi Sperafico. Todos trouxeram suas famílias juntos, vindos da Província de Milão, Norte da Itália”.

2.2 Surgimento de Farroupilha

Em 1876, para ajudar na colonização da região, foi construído uma hospedaria para abrigar os imigrantes. Esse local foi chamado de Barracão. Mais tarde, trocou de nome, e passou a ser Nova Milano. Naquele período, um novo grupo de italianos, vindos de Vicenza, instalaram-se a 12 km ao norte da colônia de Nova Milano, dando o nome de Nova Vicenza.

É na colônia particular Sertorina, constituída na sesmaria de Luiz Feijó Junior, que Nova Vicenza se inicia. Em 1881 o próprio Feijó Junior passou a morar no local, fundando uma empresa para realizar a venda de lotes, uma serraria e uma olaria, Belusso (2016 p. 5). Feijó Junior também tomou a iniciativa para que fosse aberta uma estrada entre Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

Nova Vicenza teve um rápido crescimento econômico no final do século XIX, e mais ainda em 1910, com a construção da estação férrea, instalada a poucos quilômetros da comunidade. No ano de 1911, é construída a Estrada Estadual Júlio de Castilhos (atualmente, Rodovia ERS-122), contribuindo para o crescimento de um novo centro urbano, que primeiramente é apelidado de Vicenza “nova”. Carregará este nome até 1934, ano no qual, no dia 11 de dezembro, através do Decreto Estadual nº 5.779, em homenagem ao centenário da chamada “Revolução Farroupilha”, é criado o Município de Farroupilha.

A cidade de Farroupilha hoje é caracterizada por uma diversidade, tendo migrantes vindo de outras regiões da europa, como a Alemanha, e de muitas regiões do estado, o que reconfigurou as origens étnicas do município, entre os anos de 1986 e 1997 Farroupilha foi cidade sede do Enart, sendo considerado um dos maiores festivais da América Latina.¹

2.3 Museu Casa de Pedra

A Casa de Pedra, onde foi instituído o Museu, levou seis anos para ser construída, de 1890 a 1896. Esse tempo foi necessário, pois o trabalho era realizado somente aos sábados, pois os donos da futura residência, Domênico e Luigia Fin trabalhavam durante toda semana, e os domingos dedicavam à religiosidade, indo à tradicional missa.

A casa também foi o primeiro comércio da cidade, pois a rua que passa em frente, hoje intitulada rua Vêneto, era um grande eixo de comércio no começo do século. Localiza-se no atual bairro Nova Vicenza, sede do núcleo inicial da Colônia

¹ Farroupilha anualmente recebe novos moradores vindos de diversas regiões do estado, como fronteira e capital.

Sertorina, que obteve um rápido crescimento econômico no final do século XIX, e só perdeu importância com a inauguração da Estrada de Ferro e a Estrada Estadual Júlio de Castilhos, em 1911, transferindo o centro comercial mais para o sul, atual centro de Farroupilha.

A casa de pedra representa a arquitetura típica da imigração italiana. Inicialmente, o térreo tinha a função comercial, o segundo andar era o dormitório e no porão se encontrava a cantina de vinho.

O Museu Municipal Casa de Pedra foi tombado pelo Patrimônio Histórico no dia 28 de dezembro de 1988, passando a integrar o Patrimônio Histórico e Artístico do Estado nos termos do parecer nº 670/85 da Câmara de Patrimônio Histórico do Conselho Estadual de Cultura e da Portaria nº 05/85 da Secretaria de Cultura do Estado, publicada no Diário Oficial em 09/09/1985.

Figura 1 - Museu Municipal Casa de Pedra



Fonte: Disponível em: <<http://farroupilha.rs.gov.br/prefeitura/turismo-e-cultura/museus/>> Acesso em: 24 nov. 2020

Nos dias atuais, o Museu passou por algumas reformas para melhor atender a comunidade como aparece na reportagem da Noal (2016), o museu ganha um

anexo tendo um espaço para exposições temporárias e atividades pedagógicas quando as escolas do município levarem turmas para visitar o Museu.

O acervo do museu não é composto unicamente por objetos dos primeiros donos, mas também contam com doações da comunidade, "entre as relíquias do acervo, estão sofás antigos, telefones, rádios da década de 1940, retratos da família, ferramentas de trabalho colonial e de agricultura genérica" (VALTRICK, 2018).

2.3.1 Domênico Fin²

Ainda na Itália, Domênico Fin foi convocado para a guerra. Era jovem e noivo, mas a "pátria" não podia esperar... No início, escrevia seguidamente para os seus pais e a sua noiva, Luigia, até que um dia as cartas cessaram. Terminando a mobilização militar, seus companheiros retornaram, mas há muito tempo não tinham notícias dele.

Naquela época os pais tinham o costume de casar suas filhas ainda novas, e isso não foi diferente com Luigia. Ela teve que casar-se com outro, um homem de sobrenome Farinon, com quem teve quatro filhos, dois meninos e duas meninas. O casamento, contudo, não durou muito, pois logo tornou-se viúva.

Domênico foi feito prisioneiro, durante a guerra, onde foi impedido de se comunicar com parentes e sua noiva, quando retornou para a Itália, e encontrou Luigia, agora viúva, e pediu-a em casamento. Eles tiveram um filho, Rodolfo Fin.

A vida na Itália era difícil, os invernos eram rigorosos, e as terras rendiam pouco. Com a intenção de construir uma vida mais estável para a sua família Domênico, decidiu mudar-se para o Brasil, se alojando na então Colônia Sertorina.

No princípio do ano de 1890, começou a construir a sua casa - local que, mais tarde, se tornará o Museu. Trabalhava aos sábados, depois dos trabalhos da lavoura. A plantação rendia bem, sobrava para poder vender. Plantou um parreiral.,

² As informações sobre Domênico Fin foram enviadas pelo coordenador dos museus de Farroupilha, o servidor Vinicius Pigozzi. O texto de Pigozzi foi adaptado pelo autor desta monografia.

sabendo que os outros colonos produziam e vendiam vinho, e o mesmo tinha muita procura. Por isso, resolveu fazer uma cantina no porão da casa.

O segundo pavimento, que servia de residência, tinha a frente para o norte, com duas portas, cada uma com degraus de pedra. Quatro janelas, a oeste, duas e no lado sul uma porta. No terceiro pavimento, era o sótão, este andar tinha sido destinado para os quartos de dormir.

A cozinha, faziam-na longe da casa. Esse casarão foi feito sem contrair dívidas. Demorou a ser concluído. Enquanto Domênico construiu a casa, comprou também animais de cargueiro, para compor uma tropa, a fim de negociar cereais da colônia. Quando terminou de construir a casa, já possuía também uma tropa de animais cargueiros e dispunha de uma boa cantina para a fabricação de vinho. O segundo andar foi feito designado com propósito comercial.

Depois da morte de Domênico, seu filho Rodolfo usou a casa com intuito comercial. Com a morte de Rodolfo, Dona Maria, sua esposa, se mudou para Porto Alegre, deixando a casa para aluguel. Com o seu falecimento, a casa se transformou em uma forma das netas da família Fin relembra-rem de seus avós.

No ano de 1978, o então prefeito de Farroupilha, Avelino Maggioni, interessado pela preservação da memória dos imigrantes de Farroupilha, e em criar um museu municipal, além de outros espaços culturais, tombou a Casa de Pedra. No ano de 1984, Rosália Fin Medeiros, então proprietária, vendeu a casa e o terreno para a prefeitura.

Figura 2 - Família Fin



Fonte: Foto do autor no interior da Casa de Pedra.

3. PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU CASA DE PEDRA

Esta pesquisa tem como objetivo criar uma proposta de Educação Patrimonial com o intuito de desenvolver um vínculo maior entre o Museu Casa de Pedra com a população de Farroupilha. A intenção é gerar uma sensação de pertencimento da população com o Museu, criando um laço mais forte e um maior comprometimento da comunidade com a preservação desse espaço cultural e lugar de memória.

3.1 Educação Patrimonial

Entende-se por Educação Patrimonial os processos educativos com foco no patrimônio cultural, com o intuito de valorizar e preservar, sempre visando uma construção coletiva de valor, envolvendo a comunidade em um processo ativo de apropriação de sua herança cultural. Nesse sentido, pensa-se a comunidade em uma posição de gestão do patrimônio, tornando-a também responsável pela preservação. De acordo com Medeiros e Surya (2009):

Sem dúvida, a educação patrimonial pode ser um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita o indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao desenvolvimento da auto-estima dos indivíduos e comunidade, e a valorização da sua cultura.”

Assim colocando a Educação Patrimonial como um instrumento de afirmação de cidadania, fornecendo elementos que possibilitem a percepção do espaço cultural pela população. De acordo com a autora Horta (1999) o conhecimento crítico e a apropriação cultural consciente pela comunidade são fatores vitais para uma preservação sustentável dos bens, e também como amadurecimento dos sentimentos de identidade e cidadania, colocando o diálogo entre comunidades e agentes responsáveis pela preservação como parte fundamental da educação patrimonial, possibilitando trocas de conhecimentos e parcerias para a valorização dos bens.

Museus e espaços de memória são as instituições referência quando se pensa em Educação Patrimonial, conforme as diretrizes do Iphan.

A autora Fonseca (2009) relembra que a escola cumpre de um maneira precária e limitada a sua função de formação de cidadãos, onde o hábito e consumo de bens culturais é mínimo, dificultando imensamente que a educação patrimonial, de uma comunidade, onde o patrimônio cultural não tem seu valor reconhecido, e sua preservação acaba por fazer sentido apenas para uma pequena parcela.

Com a ajuda do IPHAN a visão que se tem do patrimônio foi ampliada, incorporando não apenas o que é material, mas também o que é imaterial. A educação referente a esse assunto não acompanhou o mesmo ritmo, tendo de certa forma parado no tempo, não basta escolas apenas visitem museus ou outro tipo de espaço cultural, é preciso que apenas uma conexão seja criada mas que ela também seja desenvolvida, para que haja uma identificação e preservação desses espaços de cultura.

A autora Scifoni (2017) aponta ressalvas críticas referente à Educação Patrimonial no Brasil, pois muitas vezes fica presa em ideias do passado, fora do contexto atual, repetindo-as a exaustão:

“Conhecer para preservar parte do pressuposto da ignorância da população acerca de seu patrimônio e, mais ainda, credita a este sujeito indefinido – população – a fonte de todos os problemas do patrimônio.” (SCIFONI 2017, p 7)

A mesma autora ainda sugere que seja ampliada a ideia da Educação Patrimonial, sensibilizando os sujeitos a refletirem sobre as transformações da

cidade e as perdas que os grupos podem sofrer no caso de destruição do patrimônio:

provocar o grupo a pensar nas perdas reais destes suportes de memória coletiva da cidade, pela transformação imposta ao espaço urbano, ajuda a compreender a necessidade e as razões da preservação, uma vez que não se trata apenas de transformação, mas de destruição do espaço vivido, no qual os sujeitos podiam reconhecer sua própria existência. (SCIFONI 2017, p 12)

Não basta apenas usarmos as ferramentas que temos à nossa disposição, é preciso também pensar nos contextos da comunidade em que o projeto educativo será aplicado, pois, como relata Scifoni, muitas vezes é preciso tirar os patrimônios tombados do centro da discussão e colocar o que está sendo valorado no momento pela comunidade. A Educação Patrimonial, em síntese, não deve ser feita para as comunidades, mas com elas e por elas.

3.2 Museu Hoje

O Museu Municipal Casa de Pedra localizado na Rua Domênico Fin, no bairro Nova Vicenza, atende de segunda a sexta-feira, das 8 às 17 horas, podendo-se marcar visitas aos finais de semana mediante agendamento. Apesar deste ser o horário oficial do museu é comum (antes da pandemia) ir até lá e encontrá-lo fechado. Farroupilha possui um historiador responsável pelos museus, e mais um funcionário fixo trabalhando. Os recursos humanos dentro do museu são limitados. Ter o museu fechado nos finais de semana, acredita-se, é um dos principais motivos de haver um afastamento da comunidade.

Na reportagem “Passear pelos museus de Farroupilha é descobrir a construção física e simbólica da cidade”, do jornal Pioneiro, escrita pela jornalista Bruna Valtrick, mostra que, desde 2018, existe uma intenção de aproximar a comunidade com o Museu, “haverá a construção de espaços dentro dos museus, como uma sala de exposições temporárias que será inaugurada no Casa de Pedra ainda em 2018.” (VALTRICK, 2018), espaço que foi inaugurado mas pouco aproveitado. Na matéria, o historiador e responsável pelo Museu Vinícius Pigozzi, fala um pouco sobre a Casa de Pedra e quem eram os primeiros donos, mas é uma

fala introdutória, breve, com a intenção de despertar a curiosidade de quem lê e visitar o museu, e é uma das poucas projeções que se tem do Museu na mídia. Diferente do que é apontado pela reportagem, o empenho de construir um laço maior com a comunidade foi muito baixo.

Figura 3 - Reportagem Pioneiro

Passear pelos museus de Farroupilha é descobrir a construção física e simbólica da cidade

Coordenados pelo historiador Vinícius Pigozzi, eles servem como espaço de memória de histórias da cidade

02/02/2018 - 15h14min
Atualizado em 02/02/2018 - 15h15min



Peças que compõem o acervo do Museu Casa de Pedra, em Farroupilha
Renê Rigon / Agência RBS



ALMANAQUE

Uma das maneiras de encontrar respostas sobre o passado é se conectando com o que ele deixou para trás. Uma mesa, um trabalho, uma descoberta ou uma ideia ajudam a dimensionar a passagem de alguém por aqui. Resgatar, reunir e catalogar fragmentos como esses é parte da função de dois museus de Farroupilha.

Coordenados pelo historiador Vinícius Pigozzi, eles servem como espaço de memória de histórias que são parte da construção física e simbólica da cidade. O Museu Casal Moschetti retrata parte da vida da humanitária Lydia Moschetti e do marido, Luiz, através de um acervo doado pela italiana. O Casa de Pedra traz ao público um pouco do que eram os costumes e do modo de vida de uma Farroupilha que foi o berço da colonização italiana na Serra, em 1875.

O secretário de Habitação e Turismo, Francis Casali, explica que a ideia é melhorar a relação dos museus com a comunidade. Para isso, foi contratado um historiador e haverá a construção de espaços dentro dos museus, como uma sala de exposições temporárias que será inaugurada no Casa de Pedra ainda em 2018.

MAIS LIDAS

1
Pai é preso pelo assassinato de criança de dois anos em Garibaldi



2
"É devastador", diz vizinha de local do crime sobre assassinato de criança em Garibaldi



3
Defesa irá pedir anulação do júri de autor confesso do estupro e morte de Naiara, em Caxias do Sul



4
Projeto de lei que cria programa de FFPs é alvo de questionamentos em Caxias



5
O que disseram os envolvidos no júri do autor confesso do estupro e morte de Naiara, em Caxias do Sul



RECEBA GRATUITAMENTE O MELHOR DE GZH NO SEU E-MAIL E MANTENHA-SE SEMPRE ATUALIZADO.

Seu e-mail

ENVIAR >

Fonte: Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2018/02/passear-pelos-museus-de-farroupilha-e-descobrir-a-construcao-fisica-e-simbolica-da-cidade-10140457.html> Acesso em 29 out 2020

Outra reportagem que é possível ser encontrada é do jornal Zero Hora da jornalista Flávia Noal intitulada “Museu Casa de Pedra, em Farroupilha, ganhará prédio anexo” escrita no ano de 2016, mostra uma reforma planejada para este mesmo ano, com a criação de salas de aulas para ministrar aulas de italiano, e um espaço destinado a exposições temporárias, mesmo espaço prometido na matéria de 2018 e apenas entregue no ano de 2019.

Figura 4 - Reportagem Zero Hora

Museu Casa de Pedra, em Farroupilha, ganhará prédio anexo

Novo espaço terá dois andares

15/06/2016 - 13h52min
Atualizada em 15/06/2016 - 13h52min

FLAVIA NOAL



MAIS LIDAS

- 1 Horóscopo: confira a previsão de cada signo para esta quinta-feira 03/12
- 2 Saiba quem é o líder do POC preso em Gramado
- 3 Polícia prende em Gramado criminoso com envolvimento com facção de São Paulo
- 4 Preso no RS sétimo suspeito de participação em ataque a banco em Curitiba
- 5 Grêmio x Guarani-PAR: como acompanhar a partida pela Libertadores em Osicha e GZH

Casa de Pedra conta com 2.500 peças relacionadas à cultura dos imigrantes italiano no acervo
Divulgação / Assessoria de Imprensa do Prefeitura de Farroupilha

Um prédio de dois andares vai se tornar uma extensão do Museu Casa de Pedra, em Farroupilha. Na área superior, ficará um espaço para exposições temporárias. Na inferior, o Círculo Cultural Italo-Brasileiro vai instalar a área administrativa e salas de aula para ministrar cursos de italiano. Esses espaços também serão destinados para atividades pedagógicas quando as escolas do município levarem turmas para visitar o Museu. Com isso, será destinado uma área maior para o setor administrativo no sótão do atual prédio e uma biblioteca para consulta deve ser instalada. Outra ideia é disponibilizar a consulta de fotos históricas. A construção centenária também vai passar impermeabilização e drenagem.

A definição da empresa vencedora da licitação para executar o trabalho ocorreu nesta semana. A previsão é que a primeira medição da obra seja realizada até o fim do mês. O custo é de cerca de R\$ 24,0 mil. O recurso é de uma emenda parlamentar com contrapartida da prefeitura.

O Casa de Pedra conta com 2.500 peças relacionadas à cultura dos imigrantes italiano no acervo. Segundo o diretor dos Museus de Farroupilha, Vinícius Pigozzi, a ampliação colabora para a preservação desse legado.

O funcionamento do museu, que fica no bairro Nova Vicenza, é das 8h às 17h de segunda a sexta-feira.

RECEBA GRATUITAMENTE O MELHOR DE GZH NO SEU E-MAIL E MANTENHA-SE SEMPRE ATUALIZADO.

ENVIAR >

Fonte: Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/06/museu-casa-de-pedra-em-farroupilha-ganhara-predio-anexo-cj5wcm5io1lmcxbj0auhspchb.html>. Acesso em: 29 out. 2020.

As escolas do município se encaixam no contexto do que foi citado antes da autora Fonseca (2009), onde o hábito de visitar bens culturais é ínfimo, assim formando um farroupilhense sem engajamento cultural, fazendo assim museus que não abrem no final de semana por que não têm público.

3.3 Proposta

O projeto consiste em ampliar e qualificar o acervo histórico, a partir da memória dos moradores de Farroupilha, sendo esse acervo composto por objetos, fotos, relatos de costumes e tradições. A intenção é incluir aqueles que vieram de outras cidades, englobando toda a comunidade, incentivar a fala e ouvir quem quiser falar.

O que for produzido ficará exposto no Museu, de maneira contínua. A ideia é que, a cada duas semanas, novos patrimônios sejam incluídos, criando uma rotatividade, para que todos possam mostrar o que constrói a sua identidade.

Através de uma ficha, os cidadãos terão como classificar o patrimônio cultural deles, e o qual eles querem que seja exposto no Museu. É uma ficha de preenchimento rápido, que deve ser encaminhada junto com uma foto. A intenção é incorporar, também, os patrimônios culturais imateriais, para serem expostos na forma de textos ou outras linguagens - como imagens fotográficas ou audiovisuais.

1. IDENTIFICAÇÃO³

1.1 Patrimônio Material Patrimônio Imaterial

1.2 Nome:

1.3 Local:

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1 Função Original:

2.2 Função Atual:

2.3: Época:

2.4 Descrição geral:

2.5: Estado de conservação:

³ Esta ficha foi inspirada em uma ficha da Direção Geral de Patrimônio Cultural, tendo sido adaptada e ampliada de acordo com o tema e interesse desta monografia. **Fonte:** Disponível em: [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/classificacao-de-bens-imoveis-e-fixacao-de-zep/passos-de-um-processo-de-classificacao/#:~:text=O%20procedimento%20administrativo%20de%20classificacao.de%20cultura%20\(DRC\)%20competente.>](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/classificacao-de-bens-imoveis-e-fixacao-de-zep/passos-de-um-processo-de-classificacao/#:~:text=O%20procedimento%20administrativo%20de%20classificacao.de%20cultura%20(DRC)%20competente.>) Acesso em: 12 nov. 2020

Muito Bom

Bom

Razoável

Mau

Ruína

Observações:

2.6 Desejo que meu patrimônio cultural seja exposto de maneira física

Sim

Não

(A ficha deverá ser encaminhada com uma foto do patrimônio cultural para que seja exposto no Museu Casa de Pedra.)

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Tipo de patrimônio.

Patrimônio Material: patrimônio cultural relacionado a elementos materiais, esses materiais podem ser bens imóveis, como exemplo casas ou prédios, ou bens móveis, como exemplo objetos pessoais

Patrimônio Imaterial: patrimônio cultural relacionado à cultura, como tradições, cantigas, modos de preparo que algum alimento característico, modo de construção.

1.2 Nome

Qual o nome do patrimônio, ou como é conhecido.

1.3 Local

Onde está localizado o patrimônio. Caso não possua uma localização exata deverão ser mencionados todos os tipos de dados que contribuam para a localização, como vias de comunicação que lhe dão acesso, ou que se encontram mais próximas.

2. CARACTERIZAÇÃO

2.1 Função Original

Para qual função o patrimônio foi concebido, podendo ainda indicar as funções que teve ao longo do tempo.

2.2 Função Atual

Função para qual o patrimônio serve atualmente.

2.3 Época

Em que período da história foi concebido, não precisa ser um ano específico.

2.4 Descrição Geral

Não é necessário fazer uma descrição detalhada, apenas destacar o que é mais relevante sobre o patrimônio.

2.5 Estado de conservação

Deverá ser avaliado diante dos seguintes critérios: Muito bom, Bom, Razoável, Mau, Ruína. Tendo as observações como campo de preenchimento livre.

2.6 Exposição

Só deverá ser marcado sim para aqueles patrimônios que podem ser transportados para dentro do Museu

Com a comunidade abraçando a herança cultural da cidade, acredita-se que seja possível perceber o museu não mais como apenas um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores fixos, e, sim, percebê-lo como um processo social, se renovando, como aponta o autor Canclini (1994). Percebendo que a herança

cultural não vem apenas de grandes construções ou grandes eventos, mas, também, de uma construção popular.

Segundo Oliveira (2005, p. 5): “deve-se considerar a multiplicidade de memórias, os diferentes olhares que observam e produzem a cidade, que implicam em um reconhecimento da existência de várias cidades simultaneamente em uma só.” Nesse sentido, esta proposta, sendo uma maneira de fazer um registro mais democrático dessas múltiplas memórias que compõem a cidade, pretende que a comunidade diga o que ela quer lembrar. Com isso, entende-se que a comunidade ganha uma forma de se envolver mais com o Museu, sentir-se representada nele e, por extensão, conhecer a história da cidade em que se vive, na sua diversidade cultural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa focou em um museu da cidade de Farroupilha, mas ele pode ser estendido para outros museus. “Os patrimônios culturais têm um papel mediador entre as diferentes temporalidades, garantindo a continuidade da nação no tempo” (OLIVEIRA 2005, p. 8), evocando ideias e valores, construindo memórias coletivas.

A história da Casa de Pedra está diretamente ligada à fundação de Farroupilha, sendo o primeiro estabelecimento comercial da então Colônia da Sertorina. Quando Domênico Fin chegou à Serra Gaúcha, e durante seis anos, construiu sua casa, e possivelmente não imaginou que ela se tornaria um patrimônio da cidade, que abrigaria as memórias além da sua família, que se tornaria símbolo da identidade italiana na cidade.

Poder fazer um resgate democrático de memórias, é uma maneira de trazer mais atenção aos museus da cidade. Em 2018, com o incêndio do Museu Nacional, ficou clara a negligência com os museus no país, sendo dever, além do Estado, também da população cuidar dos museus em sua região, não os deixando cair na indiferença.

Atualmente, o Museu Casa de Pedra passa por um processo de esquecimento, onde quem precisa estar presente não pode apreciar, pois os horários e funcionamento são incompatíveis com a jornada de trabalho da maioria da comunidade e, aos fins de semana, o Museu está fechado, dificultando o envolvimento da maioria da população. As escolas pouco o aproveitam, a maioria das excursões se resumem apenas a isso, pouco se desenvolve a partir da visita e, como aponta a autora Scifoni (2017), o processo de Educação Patrimonial faz parte da formação de consciência crítica sobre a realidade, reconhecendo-se como sujeito de sua própria história e cultura.

Este projeto traz uma ideia de aproximação entre comunidade e patrimônio, entre presente e passado. Serve, também, como alerta para que a comunidade esteja atenta e consciente aos problemas que o Museu passa, e que uma maior atenção seja dada, tanto pelos órgãos municipais como pela população.

Identificar quais são os patrimônios de cada família traz algo mais importante que um laço com um museu, constrói uma consciência crítica sobre o

reconhecimento e valorização de bens de interesse coletivo, tornando mais dinâmica e eficaz a preservação do patrimônio cultural.

5. REFERÊNCIAS

AMADOR, M. C. P. . Imigração e Memória. In: VI Congresso Internacional de Educação, 2007, Concórdia. VI Congresso Internacional de Educação: Educação - visão crítica e perspectiva de mudança. Concórdia: Universidade do Contestado, 2007. v. VI. p. 1-14.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação, 1975. 310 p. (Série biênio da colonização e imigração ; 3)

BELUSSO, Gisele. Discentes do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS (1922/1954):: representações a partir do acervo escolar. In: REUNIÃO CIENTIFICA DA ANPED EDUCAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS E POLITICAS GOVERNAMENTAIS. 2016, Curitiba: UFPR, 2016. 18 p.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 23, p. 95-115, 1994.

CASTRO, C. . A importância da Educação Patrimonial para o desenvolvimento do Turismo Cultural. In: III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2005, Caxias do Sul. III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: As Culturas como Patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p.15-36, jan. 2005. Semestral.

HOBBSAWM, Eric John. **A era do capital**: 1848-1875. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra

Ltda, 1979. 459 p.

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: *La mémoire collective*

HORTA, M. L.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia Básica de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do museu**. In: Caderno de diretrizes museológicas. Brasília: MinC/Iphan/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 19-31.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Cap. 5. p. 111-154.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Política de colonização do Império*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

MEDEIROS, Mércia Carréra de; SURYA, Leandro. A Importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **A Importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio**. Fortaleza: Anpuh, 2009.

NOAL, Flavia. **Museu Casa de Pedra, em Farroupilha, ganhará prédio anexo**. Zero Hora. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/06/museu-casa-de-pedra-em-farroupilha-ganhara-predio-anexo-cj5wcm5io1lmcxbj0auhspchb.html>. Acesso em: 29 out. 2020.

OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de. **Um estudo em arqueologia urbana: a carta**

de potencial arqueológico do centro histórico de porto alegre: Memória, Patrimônio, o Arqueólogo e a Cidade: Arqueologia Urbana e Preservação do Patrimônio Arqueológico. 2005. 246 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Puc/rs, Porto Alegre, 2005.

POLLAK, M. **Memória e identidade social.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POSSAMAI, Zita. “**Cidade, História e Memória.**” Comunicação apresentada no Projeto II Porto Alegre em Buenos Aires, 1997. p. 02

TORELLY, Luiz P. P.. **Notas Sobre a Evolução do Conceito de Patrimônio Cultural.** Fórum Patrimônio, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p.1-18, jul. 2012.

TESSARI, Anthony Beux. Patrimônio Cultural (verbetes). In: CESCO, Everaldo; GARRIDO, Miguel. (Org.). Construcción global de futuro: prospectiva. 1ed.Chaco, Argentina: ConTexto, 2020, v. , p. 1-775.

VALTRICK Bruna Passear pelos museus de Farroupilha é descobrir a construção física e simbólica da cidade. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 02 de fev de 2018. Disponível em:

<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2018/02/passear-pelos-museus-de-farroupilha-e-descobrir-a-construcao-fisica-e-simbolica-da-cidade-10140457.html> Acesso em 29 nov 2020

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Fé, trabalho e família: a construção das memórias entre descendentes de imigrantes italianos. **Revista Usp**, [S.L.], n. 72, p. 162-171, 1 fev. 2007. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i72p162-170>.